



X Encontro da Internacional dos Fóruns  
VI Encontro internacional da Escola  
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

## PRÉ-TEXTO 4

---

### ADVENTOS DO REAL

Diego Mautino

*“A angústia [...] é justamente o sintoma padrão de todo advento do real”.<sup>1</sup>*

Na citação em destaque, “todo” deve ser entendido no sentido de “cada” advento do real, adventos, então, no plural, e o real, portanto, não é universal, não é uno, cada um de seus elementos é idêntico a si mesmo, mas sem que possam ser ditos “todos” – só há conjuntos a determinar em cada caso. Esta expressão suscita diversas questões, começo com duas: quais são estes adventos de real nos discursos de hoje? e com que sintomas os sujeitos respondem? Uma das primeiras definições do real escritas por Lacan em 1954 é “o domínio do que subsiste fora da simbolização”,<sup>2</sup> ou seja, fora da linguagem. O que é que subsiste fora da linguagem? Seguindo uma indicação de Colette Soler,<sup>3</sup> podemos dizer a matéria, em suas duas manifestações: o inanimado e o vivente, cada uma delas constituindo o objeto de duas grandes ciências – a física e a biologia.

Não há a menor esperança de se alcançar o real por meio da representação – que subsiste fora do simbólico e do imaginário –, *eppur...* há vias de acesso. Quais são as vias de acesso? Freud dá testemunho de uma: confrontado com o descobrimento de um primeiro gozo fora da linguagem – o trauma –, o evento passa ao significante, e isso constitui um primeiro elemento do inconsciente-linguagem ao qual outros se somam, condição para a invenção do inconsciente. Colette Soler indica que se poderia discutir acerca do uso da palavra *advento* para o acesso ao real mediante o trauma, e dizer, antes, que o evento de um real não constitui um advento até que não se agrega o aporte significativo, então o advento propriamente dito seria: a invenção freudiana do inconsciente e do advento da psicanálise como novo discurso.<sup>4</sup> Primeiro exemplo que prova a

---

<sup>1</sup> J. Lacan (1974). “La troisième” – 7<sup>ème</sup> Congrès de l’École freudienne de Paris à Rome. Conferência publicada em *Lettres de l’École freudienne*, 1975, n<sup>o</sup> 16, pp. 177-203, tradução nossa. Também foi publicada em *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

<sup>2</sup> J. Lacan (1954). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 390.

<sup>3</sup> C. Soler (2016). *Avènements du réel, de l’angoisse au symptôme* – Cours CCP-Paris (2015-2016). Paris: Éditions du Champ lacanien, Collection Études, 2016, p. 169.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 170.

“eficácia do sujeito”,<sup>5</sup> que não é somente efeito da linguagem ou do discurso – negatividades da estrutura –, mas também fecundidade de invenção, de Um-dizer.

A expressão “adventos do real”<sup>6</sup> é utilizada por Lacan a propósito dos efeitos da ciência; e escreve que faz falta levar em conta o real, porque os “fatos do inconsciente”<sup>7</sup> tomam o corpo e indicam que “o analista aloja um outro saber, num outro lugar”,<sup>8</sup> enquanto que os fatos da ciência tomam a matéria como “saber no real [...] e quem tem de alojá-lo [é] o cientista”.<sup>9</sup> De que real ele fala? E diz em seguida: “Ou seja, aquilo que se destaca de nossa experiência do saber. Existe saber no real. Ainda que, este, não seja o analista que tem de alojá-lo, mas sim o cientista. O analista aloja um outro saber, num outro lugar, mas que deve levar em conta o saber no real”.<sup>10</sup> A indicação de que é o cientista que tem que alojá-lo evoca o lugar... e o lugar remete aos quatro lugares nos quais os discursos se constituem por meio da permutação dos quatro termos implicados pela estrutura da linguagem. A afirmação “há saber no real” faz necessário interrogar este saber: o que é que o caracteriza? Ainda falta dizer algo mais e, portanto, ele prossegue: “o analista aloja outro saber”, não o mesmo, então. Lacan fala frequentemente do saber da ciência como um saber que repousa inteiramente sobre o Um. “O um e o número, com a ideia de que as fórmulas da ciência estão inscritas no real [...] do que se pode conceber que com as fórmulas matemáticas se construam técnicas que permitem comandar o real físico. De todo modo, o saber da ciência é um saber que foraclui o sujeito”.<sup>11</sup>

#### O número, o mais real da linguagem?

Lacan fala de *adventos* do real – em “Televisão” e em “A terceira” – a partir de considerações sobre os efeitos da ciência: alunissagem de um lado e, do outro, produção de novos mais-de-gozar. Com relação ao primeiro, o real que subsiste fora da simbolização, a matéria, se revela sujeita ao número, como se a natureza estivesse escrita em linguagem matemática. Ele diz: “Isso se afirma pelo fato de o discurso científico ter sucesso na alunissagem, na qual se atesta, para o pensamento, a irrupção de um real [...] Mas, ao entrar o discurso político – atente-se para isso – no avatar, produziu-se o advento do real, a alunissagem”.<sup>12</sup> Isto implica efeitos de gozo pelo poder de dominação e expansão, introduzindo considerações sobre o gozo, que se mantém “uno”, não faz par. Lacan retorna a este Uno introduzindo a letra – idêntica a si mesma –, necessária porque “unicamente a partir dali temos acesso ao real”.<sup>13</sup> No que concerne ao uso da palavra *advento* para o acesso ao real através da coalescência do número e da matéria, talvez pudéssemos aplicar à ciência o que dizíamos para a psicanálise, ou seja, para considerá-lo “advento do real”, será

---

<sup>5</sup> J. Lacan (1965). “A ciência e a verdade” In: *Escritos*, op. cit., p. 892. “[...] reconhecamos a eficácia do sujeito nesse gnômon que ele erige para lhe apontar a toda hora o ponto da verdade”.

<sup>6</sup> J. Lacan (1973). “Televisão” In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 535.

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> J. Lacan (1974). “Nota italiana” In: *Outros escritos*, op. cit., p. 312.

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> *Ibid.*

<sup>11</sup> C. Soler. *Commentaire de la “Note italienne” de Jacques Lacan*. Roma: Edizioni Praxis del Campo lacaniano, 2014, p. 40.

<sup>12</sup> J. Lacan (1973). “Televisão” In: *Outros escritos*, op. cit., pp. 534-535.

<sup>13</sup> J. Lacan (1974). “La troisième” – 7<sup>ème</sup> Congrès de l’École freudienne de Paris à Rome. Conferência publicada em *Lettres de l’École freudienne*, 1975, n° 16, pp. 177-203, tradução nossa.

necessário que se agregue, ademais, a coalescência do número e da substância gozante. Então o advento propriamente dito seria: a coalescência número-matéria, mais a coalescência do número e da substância gozante.

### O sintoma e o real

A partir desta divisão entre dois reais, relevados através de dois acessos diferentes, e considerando que a ciência não deixa de ter efeitos no campo do gozo, nosso Encontro Internacional poderá nos permitir abrir questões como: “Com que sintomas os sujeitos respondem? O saber da ciência está a serviço do poder – político e econômico – e, ainda que esteja longe de atingir seu objetivo, ele financia a produção de novos mais-de-gozar. Longe de atingir seu objetivo é o diagnóstico que Lacan faz, pela impossível sutura do corpo falante que se põe em cruz<sup>14</sup> ao programa da “apatia do bem universal”<sup>15</sup> da ciência – ao mesmo tempo, isso faz lugar ao discurso analítico. A ciência faz sonhar e, então, Lacan evoca a ficção científica para mostrar seu avesso, ou seja, quando os mesmos biólogos são tomados pela angústia ao confrontar-se com um sucesso como produzir bactérias tão fortes que poderiam “varrer com toda a experiência sexuada, varrendo o *parlêtre*”.<sup>16</sup> Paradoxalmente, a biologia atingiria seu objetivo com a condição de destruir a própria vida. Os avanços científicos em tempos de guerra dão prova de uma via problemática da fecundidade humana que, diante de tais atrocidades, não nos faz ficar muito seguros de que a ciência seja sinônimo de progresso. Com relação à impossibilidade – diante do poder de um certo real, a ser precisado em cada caso –, Lacan prognostica o fracasso da ciência, enquanto avança considerando sucessos e fracassos da psicanálise, surgida como sintoma, ou seja, como recurso pra tratar o que não vai bem na vida de... cada um.

“A angústia, sintoma”, em destaque, pode, então, ser entendida como o signo do “advento do real”. A alunissagem, os mísseis ou os *gadgets* encontram o limite do calculável quando se trata do sexo, nenhuma equação do par “no campo do desejo [...] não há objeto que tenha maior preço que um outro”,<sup>17</sup> nem do gozo opaco próprio ao sintoma de cada um. O sintoma de gozo – para um *parlêtre* que já está na língua –, vem do real,<sup>18</sup> duplamente: 1) do real da relação causada pela tomada da palavra sobre o corpo e 2) do real dos Uns do gozo opaco do sintoma, que o suprem.

### O Um e o campo da bi-partição

O advento do real, com relação ao sintoma – definido como “forma com que cada um goza do inconsciente”<sup>19</sup> – é um Um de gozo ou um Um gozado, não qualquer um, cujo sentido não se

---

<sup>14</sup> *Ibid.* “[...] *le réel, justement, c’est ce qui ne va pas, ce qui se met en croix dans ce charroi, bien plus, ce qui ne cesse pas de se répéter pour entraver cette marche*”.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*

<sup>17</sup> J. Lacan (1960-61). *O seminário, livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992, p. 381.

<sup>18</sup> J. Lacan (1974). “La troisième”, op. cit. “[...] *j’appelle symptôme ce qui vient du réel*” (Chamo de sintoma aquilo que vem do real).

<sup>19</sup> J. Lacan (1974-75). *Le séminaire, livre 23: RSI*, inédito (Aula de 18/02/1975). “[...] *le symptôme n’est pas définissable autrement que par la façon dont chacun jouit de l’inconscient en tant que l’inconscient le détermine*” (O sintoma não é definível de outra forma senão pela forma com que cada um goza do inconsciente na medida em que o inconsciente o determina).

conta. A partir de um primeiro advento do real, Freud pôs em funcionamento a psicanálise, ela própria um advento, um novo saber fazer com a irrupção de gozo. O que faz a psicanálise ao se confrontar com o real do sintoma? Recorre ao sentido, isto é, ao significante; cada significante, porém, além de ter sentido, é também um “um” de pura diferença, cifra 1, fora de sentido. As duas dimensões: o sentido e a cifra estão presentes em cada significante, enlaçadas e heterogêneas. Então, quando se fala de significante gozado através da coalescência, de que gozo se trata? Dois gozos estão enodados: o do sentido – porque as palavras têm um sentido – e o do Um, da cifra que é cada significante, a que Lacan chama de gozo fálico. Cada significante não tem o mesmo sentido, mas sim o mesmo real, enquanto um de pura diferença. O significado gozado, pois, implica duplo gozo, bipartição do gozo entre sentido gozado e gozo da cifra que suporta os significantes, fora de sentido, real. Lacan situa os dois gozos disjuntos na colocação em plano do nó borromeano, mas estão enlaçados em cada significante, porque cada um implica, ao mesmo tempo, o gozo do sentido e o gozo do Um fora de sentido. Nesta perspectiva, o gozo do Um fálico é o veículo do gozo do sentido.

O advento suporia, então, a conjunção de um real fora do simbólico com a linguagem e seus Uns. Para a psicanálise, o real fora do simbólico que a concerne é parte de vida afetada pelo gozo do vivente enquanto sexuado. No nível das espécies ditas superiores, a substância gozante é bipartida, distribuída segundo a *sex ratio*, que é um dado da vida ligado à reprodução pelas vias do sexo, e conduz à impossibilidade de estabelecer a relação *d’eux*,<sup>20</sup> quando o Um se articula, não há dois. “Há Um”, insiste Lacan e, assim, além de evocar o “não há” da relação sexual, nota que ao redor do Um gira a questão da existência. Colette Soler<sup>21</sup> indicava o Um-dizer como o Um “superior ao sujeito”, que constitui em conjunto cada sujeito, conjunto cada um único em seu gênero. Um dizer do Um que, somente em uma análise, tem chance de demonstrar que “não há” gozo do dois. O que se pode esperar a partir de uma análise? A satisfação que marca o fim com uma mudança de gosto? Uma satisfação singular, uma mudança de peso na balança das satisfações entre a verdade e o real? A perspectiva de um *advento* do real, a partir de uma análise, não introduz a necessidade do dispositivo do passe e da Escola que, por esse intérprete (*trujamán*), reúne o que Lacan chama de “dispersos desparelhados”?

Roma, 08 de setembro de 2017.

*Tradução: Cícero Oliveira*

*Revisão: Sandra Berta*

---

<sup>20</sup> Homofonia entre “dois” (*deux*) e “de eles” (*d’eux*).

<sup>21</sup> C. Soler. “L’UN tout seul et ses liens” In: *Cita internacional de la IF*, Medellín, Colômbia, 15 de julho de 2016 In: *Heteridade n° 12*, em preparação.